

Golens contemporâneos: “Johny Golem”, de Samuel Rawet

Doutorando Leo Agapejev de Andrade¹

Resumo

No conto “Johny Golem” de Samuel Rawet (in *O terreno de uma polegada quadrada*, 1969), dá-se um diálogo entre a figura do golem – o autômato criado a partir do barro – e a humanidade como produtora de golens contemporâneos. Neste conto, Rawet ensaia um mergulho, por uma abertura feita pela náusea, na atemporal estupidez humana e seu lugar na sociedade. Esse mergulho, no entanto, é apenas apontado como questionamento ético com base na história de um pária social, Johny Golem. É pelas margens dos valores sociais que Rawet repensa (desconstruindo) os lugares-comuns e exerce a liberdade imaginativa de que se vale para tal, por meio de aberturas da consciência ética para o inaudito, ou seja, para possibilidades não-previstas pelo lugar-comum, ainda que (de alguma forma) latentes nele. “Johny Golem” aponta para a estupidez como lugar-comum que se mostra necessário problematizar.

Palavras-chave: Samuel Rawet, golem, literatura judaica, ética, *MentschMentsch*.

1 Introdução

“Johny Golem”², de Samuel Rawet, é a história de um sujeito que está só, num apartamento “entre a vegetação do Monte Carmel a faixa do Mediterrâneo ao longe”, em Israel. A solidão e “a nostalgia de algumas coisas realmente antigas” incitam-no “a continuar a redação de uma história que em outro momento [lhe] pareceria banal”: a história de J. Golem, um “esquizofrênico epileptóide”, nas palavras do narrador. Johny foi objeto de um experimento, comandado por um pesquisador do serviço secreto britânico, Brice Account, que buscava “as tremendas possibilidades de uma ampliação do conceito de

1

_ Leo AGAPEJEV DE ANDRADE, Ms.
Universidade de São Paulo (USP)
Departamento de Letras Orientais
leo.agap@usp.br

2

_ O conto foi publicado pela primeira vez no volume intitulado *O terreno de uma polegada quadrada* (1969).

reflexo condicionado” (p. 337)³, conforme sugerido por um certo Bob Smile. Brice decidiu transformar Johny em um autêntico *golem*, “utilizando para isso todos os recursos do seu setor de pesquisas”, o que incluía todos os recursos tecnológicos disponíveis para monitoramento. Durante os experimentos, “Johny circulava pela cidade como um verdadeiro idiota de aldeia” (p. 337). “A náusea, o cansaço” indicam que é “[t]empo de pôr um ponto” (p. 338). O tom é de desconforto; a náusea mostra-se física e psíquica.

A história de Johny é contada em algumas ocasiões por um amigo do narrador, Paul Segall. O narrador tenta complementar a história de Johny *Golem* com pesquisas sobre a lenda do *golem* e com visitas que não têm sucesso. Ele não escreve para leitores, mas para uns poucos amigos (p. 333). A “falta de talento” impede o narrador de “seguir o caminho da ficção científica” (p. 333): o leitor acaba por criar, num primeiro momento, a expectativa de um conto rápido e pouco elaborado, em que o personagem principal (o *golem*) seria apenas esboçado. No entanto, ao final do conto as ressalvas do narrador mostram-se falaciosas: o tom de crônica usado por Rawet em seu personagem-narrador faz do texto um conto com ares de crônica desinteressada – mas, definitivamente, um conto.

“J. *Golem*” é, estruturalmente, um microcosmo feito de referências diretas à história judaica: a Diáspora (representada pelas várias línguas faladas pelas testemunhas da história de Johny); a cultura ídiche (representada pela lenda do *golem*, que por sua vez evoca a figura do *Menstch*); e o Estado de Israel (onde se passa o encontro entre o narrador e Segall).

2 O *golem*

Trata-se de uma figura lendária, fabricada algumas vezes na História por meio do uso de um dos nomes de Deus, e é também o termo ídiche para “estúpido”⁴. Outra definição, no mesmo sentido, refere-se a um sujeito grande e forte, mas mentalmente débil (“large but intellectually slow”, segundo A. Oreck⁵). O termo *golem* aparece uma só vez na Bíblia, com o sentido de “embrião”⁶, fato mencionado no conto. É também uma figura lendária

3

_ O que cheira a pseudociência.

4

_ “Dummy, an artificial human”.

<http://www.yiddishdictionaryonline.com/dictionary>. Verbete: גולם (*goylem*).

5

_ <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Judaism/Golem.html>. Acesso em: 15/05/2011.

6

_ Salmo 139:16, na versão Revista e atualizada de Ferreira de Almeida (grifo meu): “Os teus olhos me viram a **substância ainda informe**, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda.” O

medieval: menciona-se o *golem* de barro feito pelo rabi Yehuda Löw de Praga, o *Maharal*, no séc. XVI. A história que se contará é uma colcha de retalhos feita de casualidades, imprecisões, suposições e muito provavelmente alguma fantasia por parte do narrador – que, no entanto, adverte para a insignificância de detalhes: “Os equívocos naturalmente foram tremendos, mas os instantes de humor muitos, e o saldo que me ficou foi a vaga idéia de que para certos estados essenciais o que está ligado à fala, exceto à palavra, é mais que suficiente” (Rawet, 2004, p. 334). No entanto, afirma o narrador, “todo o caso em si é tão confuso, que creio mesmo que qualquer alteração de detalhe provocado por ignorância é desculpável, e insignificante” (idem, p. 335).

Além das pistas históricas, o narrador dá pistas do que entende, pessoalmente, por *golem*: é criação da criação, e, ao mesmo tempo, “autêntica criação”, já que “criação e criação às vezes se confundem”:

A falta de habilidade porém em compor realmente uma história para deleite de alguns me leva a andar sempre por fora do **caminho da autêntica criação**, o que me consola porque tenho a certeza de que nunca serei tentado a criar o meu *golem*, já que **criação e criação às vezes se confundem**, e há certas **zonas sombrias** tão evidentes que escapam à observação dos que andam à procura de regiões abissais (RAWET, 2004, p. 334, grifos meus).

As “zonas sombrias” são “tão evidentes” que não é necessário precisar rigorosamente (cientificamente, pode-se dizer) o significado de *golem*, além daqueles que o narrador aponta apenas para caracterizá-lo minimamente. O “caminho da autêntica criação” é o caminho para a criação de um *golem*. Entretanto, esse caminho, mais que o *golem* em si, é um simulacro da relação entre Criador e criatura – entre o povo de Israel e seu Deus, presente no repertório cultural que a figura do *golem* traz. A pretensão de Brice Account de criar um “autêntico *golem*” seria, portanto, auto-adoração (idolatria) manifesta como “egoísmo ontológico”, na visão do narrador. A incapacidade em criar seu próprio *golem*, como o mesmo narrador afirma, mostra que, numa linguagem eticamente religiosa, não coaduna com essa “idolatria pelo poder”, podendo ser vista como ruptura com esse egoísmo e, por extensão, com o poder institucional sobre o qual ele se constroi.

Em oposição complementar ao *golem* está o “sujeito honrado e decente”: o chamado *MentschMentsch*⁷, com suas capacidades plenas e atitudes dignas e irrepreensíveis. Assim, numa escala de valores humanos o *MentschMentsch* é, portanto, antípoda ao *golem* – mas também é responsável por ele, por definição⁸. Acrescente-se o fato de que o *golem*

salmo começa com uma síntese do mesmo: “SENHOR, tu me sondas e me conheces” (Salmo 139:1).

7

_: “Honorable, decent person”. <http://www.yiddishdictionaryonline.com/> . Verbete: [מענטש \(Mentsch\)](#).

8

_ Simplificando, a diferença é que o *golem* tem suas capacidades físicas (força,

contemporâneo de Rawet, ao contrário do *golem* lendário, é capaz de falar e tem-se um personagem mais ligado à figura humana do “idiota de aldeia” que do *golem* de barro. O *golem* em oposição ao *MentschMentsch* – Johny e o narrador – é a que se refere o conto.

3 O conto

A fábula do conto diz pouco sobre o mesmo: pode-se dizer que é a história de um estúpido que foi vítima dos abusos de uma pesquisa que procurava estudar o reflexo condicionado, um reflexo primário, comum a animais e humanos, cães e homens. A “estupidez humana” referida no início do conto pode ser, falaciosamente, atribuída tanto a Johny em sua loucura como a Brice em sua crueldade ao “animalizar” Johny; e mesmo à suposta ganância e oportunismo de Bob Smile, que, segundo Segall (e isso não pode ser comprovado) tornou Brice seu próprio objeto de pesquisa. Segall diz que Brice era “um homem medíocre, meticuloso, desses de quem se diz cumprirem rigorosamente com o seu dever”. Tempos depois da experiência com Johny, Brice acabou enlouquecendo, depois de Johny ter tentado matá-lo com um pedaço de caibro. O narrador decide então terminar a história: “Encerro aqui a história, desinteressado já”, e menciona alguns encontros casuais que lhe dariam mais informações sobre a história, o que não aconteceu.

Johny, um judeu do bairro pobre e vinha da Polônia, falava um iídiche estropiado e um inglês péssimo, mas falava muito, “numa alternância de silêncio e loquacidade caótica. Uma eclosão pornográfica contrabalançada com êxtases místicos fornecendo um quadro impossível de se olhar sem humor” (p. 336). Oscilando entre o êxtase aparentemente espiritual e o instinto sexual rebaixado (pornografia), Johny parece o estereótipo de um *hassid*⁹: ignorante e grosseiro. Assim, o olhar de Segall é aquele do judeu laico ocidental, herdeiro do judeu assimilado que, desde a *Haskalá* no séc. XIX, vê o judeu do *shtetl* com desprezo. Mesmo sendo judeu como Segall, Johny é, para este, o completamente Outro.

Reflexo dessa estranheza é o fato de que, no conto, o mundo de Johny mostra-se fragmentado, desconexo e incomunicável. Mas o próprio testemunho dessa figura tão estranha e hermética que se mostra Johny prova a ligação de mão única que vai de Segall a Johny (e ao narrador, depois de Segall¹⁰), e da capacidade de alteridade desinteressada por parte de Segall – e mais ainda por parte do narrador.

Uma fala ouvida por Segall durante os experimentos com J. *Golem* chama a atenção do narrador: “Sou humilhado como homem, e não como judeu, maometano, negro,

altura) mais desenvolvidas, e o *Mentsch* tem como ponto forte sua capacidade intelectual e ética. A figura do *Mentsch* foi incorporada ao Humanismo sagrado, de inspiração hassídica, de Abraham Joshua Heschel (cf. Leone, 2002, passim).

9

_ Judeu piedoso, mormente inculto e supersticioso, do leste europeu, e habitante do *shtetl*, a pequena vila judaica onde o Hassidismo teve emergiu com força.

10

_ E o leitor, a partir do narrador.

homossexual ou paralítico” (Rawet, 2004, p. 336). Segall diz que a frase foi dita por “alguém”, que, obviamente, participava do estudo e não era o próprio Segall. A fala é incisiva e coerente: o contrário do que se espera de Johnny. Seu autor, deduz-se, seria alguém que se condoía com J. *Golem*, ou o próprio. A frase, ainda que empolada, segundo Brice, ecoa pelo texto inteiro e faz surgir a seguinte pergunta: O que seria a “humilhação como homem” enquanto desumanização e conseqüente demanda por uma resposta ética¹¹? Sobre que fundo de valores se passa a história de Johnny *Golem*? O mesmo colega judeu que atestou a má qualidade do iídiche falado por Johnny foi quem aconselhou Brice a pesquisar sobre “certos aspectos da vida dos judeus da Polônia, Rússia, etc.”, o que o levou à idéia do “autêntico *golem*”. “Transformar num autêntico *golem*” pressupõe que Johnny não seja um um estúpido ou um autômato completo, aos olhos de Brice. Essa visão, entretanto, é estranha, ao menos em termos éticos, nas definições de “*golem*” dadas pelo narrador, que é – cabe lembrar – um judeu que pesquisa em fontes judaicas a figura do *golem*. Johnny é inferior porque a **relação** com Brice é desigual, resumindo-se a sujeito (Brice) e objeto (Johnny). A apropriação indevida e mal-entendida por parte de Brice Account é que “implantou” a noção de inferioridade humana (ou seja, a subumanidade) na figura lendária do *golem* – deixando de lado a **artificialidade** inerente ao mesmo. A idéia de normalidade, no conto, está atrelada ao “egoísmo ontológico” (Lévinas, 2007, *passim*) que impede a alteridade.

4 Ética e relações de poder

Johnny é tomado por *golem* por suas aparentes limitações psíquicas; Brice é um humano mentalmente normal, porém moralmente perverso, e seu comportamento, mais do que o de Johnny, é que parecem ter levado o narrador a se indagar sobre as infinitas possibilidades da estupidez humana. A perversão de Brice se dá pela expressão de seu “egoísmo ontológico” na forma de um individualismo seguro de si e impenetrável, que o narrador percebe e Segall apenas intui. Contrapõe-se a Lévinas, para quem o Desejo deve remeter ao Outro, rompendo com seu “egoísmo ontológico”. No conto, as relações de poder é que determinam o *golem* contemporâneo, isto é, o *golem* desjudaizado: “des-ídice-zado”, desmitificado e desumanizado. É quando o *golem* dá lugar ao autômato.

Etimologicamente, “perverso” vem do latim *perversus* e significa “virado às avessas; em desacordo com as regras”¹²; regras morais criadas para que seja possível (e harmoniosa, utopicamente) a vida em sociedade, que permitam o mínimo domínio sobre si e o respeito ao Outro. Essa regras, antes de Freud e da Emancipação judaica a partir do final do séc.

11

– Ética basicamente no sentido que dá ênfase à alteridade como relação desinteressada, segundo Lévinas (2007, p. 84): “comportamento em que outrem, que lhe é estranho e indiferente, que não pertence nem à ordem de seus interesses nem àquela de suas afeições, no entanto, lhe diz respeito. Sua alteridade lhe concerne”.

12

– Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0.

XVIII, eram dadas pela religião (judaica, neste caso). Ao dessacralizar o imperativo ético de “amor ao próximo”, Freud transfere o eixo moral para a sociedade – e, por extensão, para as instituições seculares, que passam a serem vistas como a fonte de toda a ética. Afirma Roudinesco: “Com Freud, e uma vez assumida a ausência de Deus, a perversão, como estrutura psíquica, foi então integrada à ordem do desejo” (p. 103). A perversão é, então, aceita e neutralizada. Afinal, diz Segall, “há certos problemas ligados a interesses do Estado que estão acima do indivíduo” (p. 336). No conto, o que se vê é a demanda ética que essa naturalização do mal exige como resposta e ruptura: Johny é um desconhecido que, por uma simples razão de sensibilidade humana, chama a atenção de Segall (e do narrador). É o que a bondade como mandamento divino (“amar o próximo” implícito em “Não matarás”) significa, segundo Lévinas, e que parece ter se perdido a partir de Freud¹³. A estupidez a que se refere o narrador está, portanto, muito mais em Brice do que em Johny *Golem*, o suposto idiota de aldeia que conseguiu **não** perder sua humanidade. Johny deixa de ter o status de *golem* ao tornar-se sujeito desejante¹⁴. Mesmo com essa reviravolta, a figura do Outro continua implicando a alteridade radical: inclui até mesmo Brice Account, sobre quem narrador não faz nenhum juízo de valor¹⁵, o que reforça a coerência do conto, valorizando-o.

5 Conclusões

O “amor ao próximo” do mandamento bíblico está abarcado pelo conceito de ética das relações pessoais. Na história de Rawet o personagem Segall parece sentir uma empatia nebulosa por Johny *Golem*. A visão coisificada – isto é, desprovida de empatia, humanamente redutiva e hierarquizada – de Brice sobre J. *Golem* é o que torna o *golem* da lenda judaica num autômato criado pela ciência: um *golem* contemporâneo. O *golem* na concepção equivocada de Brice é, portanto, uma metáfora esvaziada: não é aquele criado do barro e incapaz de vontade própria, como o da lenda, mas um ser humano que se torna

13

_ Lévinas, portanto, resgata a alteridade de forma radical, como responsabilidade pelo inteiramente Outro (em contraste como “próximo”).

14

_ Não chega a ser a “máquina desejante” de Deleuze e Guattari (2004, *passim*), mas tem a autonomia e a alteridade absoluta que unem esse conceito à “tirania do Outro” de Lévinas.

15

_ Percebe-se a artimanha do autor: Brice é medíocre segundo Segall, não segundo o narrador.

um autômato tanto pelo uso aético da ciência, como pela moral aética da própria ciência de Brice Account.

Muito mais do que a capacidade física e intelectual humana, o exercício da capacidade intersubjetiva de mirar o rosto de Outrem (Lévinas, 2007, *passim*) é que torna possível a dignidade própria do ser humano pleno do qual o *Mensch* é representativo.

No final do conto, a autoria da frase ouvida por Brice (“Não sou humilhado...”) permanece em suspenso, mas aponta seu sentido: Não importa quem disse a frase, mas sim o testemunho da mesma e, num panorama geral, o próprio conto como o testemunho da estupidez humana e resposta ética a esta. A história de Johny *Golem* cumpre sua função de testemunho no sentido de fala que, mais do que esclarecer um fato, comunica-o a outrem, que são os poucos amigos a que o narrador escreve (e os leitores de Rawet): “[...] para certos estado essenciais o que está ligado à fala, exceto a palavra, é mais do que suficiente”, uma vez que “a compreensão no momento não me interessa” (p. 334).

Ao dar seu testemunho, o narrador, ao final do conto, mostra-se um verdadeiro *Mensch*.

Bibliografia

<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Judaism/Golem.html> . Acesso em: 15/05/2011.

<http://www.sbb.org.br/interna.asp?areaID=71> . Acesso em: 24/05/2011.

BAUDRILLARD, J.; GUILLAUME, M. *Figures de l'altérité*. Paris: Descartes & Cie., 1994.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* 1. Trad. J. M. Varela e M. M. Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

FOUCAULT, M. *Os anormais: Curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Trad. E. Brandão.

HESCHEL, A. J. *The insecurity of freedom: Essay on human existence*. New York: Schocken books, 1966.

LEONE, A. G. *A imagem divina e o pó da terra: humanismo sagrado e crítica da Modernidade em A. J. Heschel*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2002.

LÉVINAS, E. *Ética e infinito: Diálogos com Phillipe Nemo*. Lisboa: Edições 70, 2000. Trad. João Gama. Col. Biblioteca de filosofia contemporânea, vol. 7.

POIRIÉ, F. *Emmanuel Lévinas: Ensaio e entrevistas*. São Paulo: perspectiva, 2007. Trad.: J. Guinsburg et al.

RAWET, S. *Contos e novelas reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004. Org. André Seffrin.

ROUDINESCO, E. *A parte obscura de nós mesmos: Uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Trad. A. Telles.

SINGER, I. B. *O Golem*. São Paulo: Perspectiva, 1992. Trad. Jacó Guinsburg.

WIESEL, E. *O Golem*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. Trad. Celina Portocarrero.